

DA FORMAÇÃO DOCENTE À FORMAÇÃO EM SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA DO PROJETO FORBIO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Vitória Aparecida Araújo Da Silva Oliveira ¹
Viviane Pinho Oliveira ²

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a realização de uma palestra desenvolvida no contexto de uma ação extensionista universitária voltada ao ensino e à conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) para futuros profissionais da saúde. A atividade foi realizada em uma escola profissionalizante, com estudantes do primeiro ao terceiro ano do curso Técnico em Enfermagem, durante o I Simpósio de Enfermagem, com o objetivo de promover conhecimentos sobre o que é o TEA, sua causalidade sob a perspectiva biológica e a importância de práticas inclusivas e humanizadas no atendimento às pessoas autistas. Durante a ação, observou-se que parte dos estudantes demonstrava receio diante da possibilidade de vivenciar, durante os estágios, situações envolvendo pacientes com TEA, especialmente por já enfrentarem ansiedade relacionada à inserção no campo de prática e aos desafios próprios da formação profissional. A discussão também possibilitou a manifestação de estudantes autistas, que compartilharam suas próprias experiências e ansiedades relacionadas à convivência com o transtorno durante a adolescência, no ambiente escolar e no contexto familiar. Esses relatos contribuíram para ampliar a compreensão dos participantes sobre as diferentes vivências dentro do espectro e para desconstruir percepções estereotipadas sobre o TEA. A experiência proporcionou um espaço de escuta, diálogo e troca de conhecimentos, evidenciando a importância da preparação dos futuros profissionais de enfermagem para uma assistência acolhedora, respeitosa e inclusiva. Conclui-se que ações educativas como essa são relevantes para aproximar o conhecimento científico da realidade dos estudantes e fortalecer práticas de cuidado mais humanizadas às pessoas com TEA. A atividade integrou as ações do Projeto FORBIO, ampliando a proposta de formação e conscientização sobre o TEA para o contexto da formação de futuros profissionais da saúde.

Palavras-chave: Inclusão; Transtorno do Espectro Autismo; Educação em saúde; Inclusa enfermagem.

UNILAB, Ceará, Discente, vitoria_0307@aluno.unilab.edu.br¹
UNILAB, Ceará, Docente, vivianepo@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação e interação social, associadas a padrões restritos e repetitivos de comportamento (APA, 2022). No Brasil, a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, garantindo direitos à educação, saúde e inclusão (BRASIL, 2012).

Apesar dos avanços legais, persistem barreiras relacionadas à falta de preparo e sensibilização dos profissionais, tanto na educação quanto na saúde. Estudos apontam obstáculos como insuficiência de treinamento, dificuldades de comunicação e limitação de serviços especializados (Doherty et al., 2020; Araripe et al., 2022). A formação adequada dos profissionais é essencial para práticas de cuidado mais inclusivas e humanizadas, e intervenções educativas têm mostrado resultados positivos nesse processo (Ceglie; Rispoli; Flake, 2020).

Dessa forma, investir na educação em saúde durante a formação técnica pode favorecer a construção de competências voltadas à inclusão e ao acolhimento. Com esse propósito, foi desenvolvida uma palestra educativa sobre o TEA durante o I Simpósio de Enfermagem, na Escola Profissionalizante Adolfo Ferreira de Souza, em Redenção (CE). Diante dos interesses da pesquisa, objetivou-se relatar a experiência dessa palestra educativa sobre o TEA.

METODOLOGIA

O relato de experiência possui caráter descritivo e abordagem qualitativa, conforme Minayo (2007) e Gil (2008), por buscar compreender as percepções e experiências dos participantes a partir das interações observadas durante a palestra.

A atividade foi realizada durante o I Simpósio de Enfermagem, na Escola Profissionalizante Adolfo Ferreira de Souza, localizada no município de Redenção, Ceará. A ação consistiu na realização de uma palestra com duração aproximada de duas horas, destinada a estudantes do primeiro ao terceiro ano do curso Técnico em Enfermagem, totalizando aproximadamente 120 participantes, distribuídos em três turmas.

A abordagem foi expositiva e dialogada, contemplando conceitos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), aspectos relacionados à sua causalidade sob a perspectiva biológica e a importância de práticas inclusivas e humanizadas no atendimento em saúde. Durante a atividade, foram utilizados recursos visuais e momentos de diálogo com os participantes, possibilitando a apresentação de dúvidas, experiências e percepções sobre o TEA.

A coleta de dados ocorreu durante a realização da palestra, por meio da observação direta das interações entre os participantes e dos relatos espontâneos compartilhados pelos estudantes. As informações foram registradas em diário de campo da pesquisadora, contemplando aspectos como dúvidas, percepções, sentimentos e experiências relatadas pelos participantes.

A análise dos dados foi realizada de maneira descritiva e interpretativa, buscando compreender os significados presentes nas falas e nas observações registradas. A interpretação reflexiva das observações e dos relatos dos participantes foi articulada com a literatura científica, para favorecer uma compreensão mais ampla da temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da palestra possibilitou identificar diferentes percepções, dúvidas e experiências relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre estudantes do curso Técnico em Enfermagem. Foram manifestadas preocupações sobre a futura atuação em campo de estágio e o atendimento de pacientes autistas, enquanto estudantes com TEA compartilharam experiências da adolescência, no ambiente escolar e familiar.

A discussão foi relacionada à prática da enfermagem, especialmente a procedimentos que podem produzir desconforto ou resistência, como a punção venosa. A experiência da responsável pela palestra, como técnica de enfermagem e profissional da educação em formação, possibilitou contextualizar dificuldades enfrentadas por estudantes durante procedimentos e na construção de confiança com o paciente. A literatura demonstra que pessoas autistas podem encontrar barreiras nos serviços de saúde relacionadas à comunicação, ao conhecimento dos profissionais e à insuficiência de preparação para atender às suas necessidades específicas (Doherty et al., 2020).

Discutiu-se a ansiedade diante da entrada no campo de estágio, independentemente de o estudante ser autista ou não. Um estudante relatou suas preocupações e ressaltou que pessoas autistas possuem sentimentos e emoções, não sendo adequado atribuir reações ou comportamentos automaticamente ao diagnóstico. Também questionou como ocorreria sua inclusão no estágio. Ceglio, Rispoli e Flake (2020), em revisão sistemática sobre a formação de profissionais médicos para o atendimento de pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento, identificaram relatos frequentes de preparação insuficiente, enquanto a maior parte dos estudos encontrou melhora após intervenções educativas.

Esse episódio evidenciou o risco de estratégias de apoio baseadas em pressuposições sobre o diagnóstico, sem considerar capacidades e necessidades individuais. A inclusão deve construir condições para participação com segurança e equidade, diferenciando adaptação baseada em necessidade identificada de restrição baseada exclusivamente no diagnóstico.

Outro momento significativo ocorreu a partir do relato de uma estudante autista, que relacionou o conteúdo apresentado sobre masking ou camouflaging às suas próprias experiências. Na literatura, o camouflaging é compreendido como o uso de estratégias comportamentais e cognitivas para adaptar-se às expectativas sociais, ocultar características autísticas ou reduzir a visibilidade das dificuldades relacionadas ao autismo (Cook et al., 2021). Essa revisão sistemática analisou 29 estudos e encontrou diferenças relacionadas a sexo e gênero, além de associação entre maior camuflagem autorreferida e resultados menos favoráveis de saúde mental. Os autores ressaltam que limitações das amostras impedem generalizações para toda a população autista (Cook et al., 2021).

A estudante relacionou esse conteúdo à própria experiência durante a adolescência, relatando dificuldades para que sua condição fosse reconhecida e compreendida pela família e por outras pessoas de seu convívio. Também relatou resistência familiar em relação ao uso de elementos de identificação relacionados ao TEA. Seu relato possibilitou discutir como concepções estereotipadas podem contribuir para a invalidação de experiências que não correspondem à representação social do transtorno. Enfatizou-se que não existe aparência física específica capaz de identificar uma pessoa autista e que a ausência de características socialmente típicas não significa ausência da condição.

A literatura voltada às mulheres autistas também aponta que o camuflamento pode influenciar a forma como características do TEA são percebidas e reconhecidas. Tubío-Fungueiriño et al. (2021), em revisão sistemática sobre camuflagem social em mulheres com TEA, identificaram evidências de que esse mecanismo pode estar presente como estratégia adaptativa, embora possa produzir consequências negativas na vida cotidiana. Estudos posteriores apontam relação da camuflagem com pressões sociais, estigma e necessidade



de pertencimento, com possíveis efeitos negativos sobre bem-estar, identidade e relações sociais (Zhuang et al., 2023). Uma revisão sistemática sobre barreiras ao diagnóstico em mulheres e meninas identificou fatores relacionados à apresentação das características autísticas, aos estereótipos sobre o autismo e às limitações do reconhecimento clínico, contribuindo para compreender por que algumas mulheres podem ter suas necessidades reconhecidas mais tardiamente (Estrin et al., 2021).

Um terceiro relato foi apresentado por outra estudante autista, que também relacionou a discussão sobre masking às suas experiências no ambiente educacional. Sua contribuição enfatizou diferenças de processamento sensorial e relações com os colegas, ressaltando que práticas inclusivas também devem envolver a convivência cotidiana entre estudantes, especialmente na aprendizagem e nos campos de estágio.

A estudante relatou sensibilidade a estímulos ambientais, especialmente ao som, necessitando de ambiente com menos ruído para manter a concentração e aprender. Segundo seu relato, os níveis elevados de ruído da turma dificultavam sua participação e aprendizagem. Esse relato encontra respaldo na literatura que reconhece as diferenças de reatividade sensorial como característica frequente no autismo. MacLennan, O'Brien e Tavassoli (2022), ao investigarem experiências sensoriais de adultos autistas, identificaram manifestações de hiperreatividade, hiporreatividade e busca sensorial em diferentes modalidades, destacando a influência do ambiente e das outras pessoas na experiência sensorial.

Sibeoni et al. (2022), em metassíntese sobre experiências sensoriais de pessoas autistas, apontaram que essas particularidades são frequentes e devem ser compreendidas a partir da perspectiva da própria pessoa. Williams, Campi e Baranek (2021) também identificaram, em revisão sistemática, relações entre hiperresponsividade sensorial, ansiedade, comportamentos restritos e repetitivos e características relacionadas à previsibilidade do ambiente. Dessa forma, a necessidade relatada pela estudante de aprender em ambiente com menor nível de ruído não deve ser compreendida como preferência arbitrária, mas como necessidade individual que pode interferir diretamente em sua participação e aprendizagem.

Os relatos apresentados demonstraram diferentes dimensões da experiência autista dentro de um mesmo espaço formativo. O primeiro evidenciou preocupações com estágio e participação nas atividades práticas; o segundo, aspectos do camuflamento social e reconhecimento do autismo em uma mulher; e o terceiro, barreiras sensoriais no cotidiano educacional e necessidade de sensibilização dos colegas. Os relatos e autores que dialogam com os conteúdos estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1. Relação entre relatos da palestra e autores teóricos.

Relato 1 – Ansiedade e inclusão no estágio: Doherty et al. (2020); Ceglie, Rispoli e Flake (2020).

Relato 2 – Camuflamento social e reconhecimento do autismo em mulheres: Cook et al. (2021); Tubío-Fungueiriño et al. (2021); Zhuang et al. (2023); Estrin et al. (2021).

Relato 3 – Diferenças sensoriais e necessidade de ambientes adequados: MacLennan, O'Brien e Tavassoli (2022); Sibeoni et al. (2022); Williams, Campi e Baranek (2021).

Fonte: Autora (2026).

Embora individuais e não generalizáveis, os relatos evidenciaram a importância de espaços educativos que ultrapassem a transmissão de informações clínicas e possibilitem a escuta das pessoas autistas. A participação dos estudantes aproximou o conteúdo científico de experiências concretas e permitiu compreender que necessidades autistas podem não ser visíveis e variam entre indivíduos.

CONCLUSÕES

A palestra alcançou o objetivo de ampliar o conhecimento e a sensibilização dos estudantes de Enfermagem sobre o Transtorno do Espectro Autista, promovendo reflexões que ultrapassaram os aspectos clínicos e

abordaram inclusão, comunicação, diferenças sensoriais e acolhimento. Os relatos dos estudantes autistas evidenciaram a importância de espaços de escuta e diálogo na construção de práticas mais humanizadas. A experiência reafirmou o papel da extensão universitária como ponte entre universidade, escola e comunidade, permitindo a troca de saberes e o fortalecimento da formação dos futuros profissionais de saúde. Assim, demonstrou que a preparação para o cuidado de pessoas autistas deve integrar conhecimento científico, respeito às singularidades e participação ativa dos próprios sujeitos, contribuindo para ambientes mais acolhedores e inclusivos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Escola Profissionalizante Adolfo Ferreira de Souza pela acolhida e disponibilidade para a realização da atividade, aos estudantes pela participação e à UNILAB pelo apoio e pela oportunidade de desenvolver esta ação de extensão.

REFERÊNCIAS

- APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR. 5. ed., text rev. Washington, DC: American Psychiatric Association Publishing, 2022.
- ARARIPE, B. et al. Profile of service use and barriers to access to care among Brazilian children and adolescents with autism spectrum disorders. *Brain Sciences*, Basel, v. 12, n. 10, p. 1421, 2022.
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 28 dez. 2012.
- CEGLIO, K.; RISPOLI, M. J.; FLAKE, E. M. Training medical professionals to work with patients with neurodevelopmental disorders: a systematic review. *Developmental Neurorehabilitation*, v. 23, n. 7, p. 463-473, 2020.
- COOK, J.; HULL, L.; CRANE, L.; MANDY, W. Camouflaging in autism: a systematic review. *Clinical Psychology Review*, v. 89, p. 102080, 2021.
- DOHERTY, A. J. et al. Barriers and facilitators to primary health care for people with intellectual disabilities and/or autism: an integrative review. *BJGP Open*, v. 4, n. 3, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MACLENNAN, K.; O'BRIEN, S.; TAVASSOLI, T. In our own words: the complex sensory experiences of autistic adults. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 52, n. 7, p. 3061-3075, 2022.
- SIBEONI, J. et al. The sensory experiences of autistic people: a metasynthesis. *Autism*, v. 26, n. 5, p. 1032-1045, 2022.